FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

216

INSCRIÇÕES 771-773

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2 9 0 FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE D COIMBRA

Composto em *ADOBE in Design*, Versão 16.2.1 | José Luís Madeira | IA | DHEEAA | FLUC | UC | 2021

771

ESTELA DE TOPO ARREDONDADO DE SINTRA
(*Conventus Scallabitanus*)

Manolo Mantero, um coleccionador de pedras, enviou algumas fotografias a Raul Losada, responsável pela página "Portugal Romano", entre as quais se encontrava uma estela de topo arredondado. Assim, em Novembro de 2020 dirigimo-nos, Raul Losada, o arqueólogo Carlos Maneira e Costa, e o signatário, a casa do Sr. Mantero, na zona de Colares, Sintra, que atenciosamente nos mostrou o monumento. Trata-se sem dúvida de um troço de estela de topo arredondado, amputada em cima e em baixo, que afortunadamente mantém quase completo o epitáfio. A lápide é esculpida no calcário lioz de Sintra e as suas medidas actuais são de aproximadamente 68 cm de altura, 47 de largura e 33 de espessura. Os caracteres têm cerca de 6 cm de altura. A linha superior está parcialmente obliterada, não comprometendo todavia a leitura a não ser pela ausência da sigla do *praenomen*. Tanto do ponto de vista da tipologia do suporte como da onomástica é perfeitamente enquadrável no panorama epigráfico do *Municipium Olisiponense* e, particularmente, no da zona ocidental do mesmo. A inscrição exarada não apresenta problemas de decifração e é a seguinte:

[.] C̣ẠṢṢỊṾṢ C̣(*aii*) F̣(*ilius*) / CAL(*eria tribu*) · TVSCVS / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) //

"*(...) Cassius Tuscus*, filho de *Caius*, (inscrito na tribo) *Caleria*, está aqui sepultado."

A pedra foi adquirida pelo Sr. Mantero há vinte anos ou mais, perto do Pobral, povoação um pouco a norte de Odrinhas e que se situa numa área, relativamente alargada, onde ainda hoje se encontram junto às estradas numerosos vendedores de peças lapidares – embora quase todas relativamente recentes (sécs. XIX-XX). Esta informação coloca a sua probabilíssima origem na faixa específica do Concelho de Sintra onde se localiza a mais elevada concentração epigráfica do antigo *Municipium Olisiponense* – com excepção da própria cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* –, compreendida entre São Miguel de Odrinhas e Faião, realidade certamente devida à existência de um *uicus* sob e/ou nas imediações deste último sítio (ultimamente Campos, 2018).

É monumento datável do séc. I d. C., a julgar pelo tipo de letra e características do epitáfio, que segue a prática comum neste contexto espacial e cronológico, com *tria nomina* em nominativo, filiação, inscrição na tribo e a singela fórmula funerária final. A inscrição na tribo *Caleria* indica que se trataria, com toda a probabilidade, de um cidadão nascido no *Municipium* de *Felicitas Iulia Olisipo*. Tanto o gentilício *Cassius*, *-a* como o *cognomen Tuscus*, *-a* estão bem presentes na onomástica latina deste território, incluindo a Zona Oeste na qual se enquadram a metade ocidental do Concelho de Sintra e o sul do concelho de Mafra. Ambos são antropónimos latinos e comuns na *Lusitania* (36 ocorrências epigráficas de *Cassius, -a*, e 36 de *Tuscus*, *-a*, segundo o *AALR*), para além do derivado *cognomen Cassianus*, *-a* (9 ocorrências epigráficas).

Segundo o *AALR*, mais de um terço das ocorrências lusitanas de *Cassius, -a* enquanto gentilício e de *Tuscus*, *-a* enquanto *cognomen* situa-se no *Municipium Olisiponense*. Note-se, porém, a existência de *Cassius*, *-a* enquanto *nomen unicum* ou *cognomen* em locais com mais fortes persistências onomásticas indígenas, o que pode estar relacionado com um nome paleohispânico de tipo *Casius*, *Casa*, *Qasa* ou similares – como observam Guerra, Reis e Teixeira (2015, p. 199) acerca da dedicante de uma árula proveniente do *Municipium Olisiponense* mas decerto de cronologia recuada (*AE* 2009, 480). Estas variantes ocorrem sobretudo na *Lusitania* interior, região cujas afinidades teonímicas e

onomásticas com o *Municipium Olisiponense* se explicarão pela imigração de *peregrini* para a cidade e os campos de *Olisipo* (Guerra, 2003, pp. 141-143, 146; Cardim Ribeiro, 1982-1983, pp. 215, 222; Campos, 2018, pp. 33-34). É, portanto, provável que esta homofonia por vezes confunda duas realidades bastante distintas. A verdade, porém, é que o gentilício latino se encontra amiúde ligado a indivíduos de elevada posição social no contexto olisiponense: conhecemos as *thermae Cassiorum* na própria cidade (*CIL* II 191), e do imperialato de Cómodo temos mesmo notícia de uma inscrição, datável de 178/180 d. C., dedicada ao imperador por dois duúnviros olisiponenses chamados *Quintus Coelius Cassianus* e *Marcus Fabius Tuscus*. (*CIL* II 187). O primeiro será, provavelmente, o pai que dedica ao seu filho *Quintus Coelius Aquila*, falecido aos 16 anos, uma inscrição funerária hoje desaparecida, na zona norte do *Municipium*, em Dois Portos, Torres Vedras (*CIL* II 284). Há outros casos (apontados em Guerra, 2006, pp. 279-281): uma ara, provavelmente do séc. II, encontrada no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, tinha sido dedicada à Liberdade Augusta por dois duúnviros da cidade, um dos quais pertencente à *gens Cassia*. Também na *Baetica*, nomeadamente na localidade da actual Tocina, existe uma inscrição evergética (*AE* 1984, 526) pertencente a uma edificação pública mandada fazer por *Marcus Cassius Sempronianus*, comerciante de azeite, originário de *Olisipo*. Será o mesmo que aparece identificado, por via de marcas laterícias, em tijolos encontrados na cidade portuária de *Ostia*, junto a Roma, datáveis da passagem do séc. I para o II (Taglietti, 1994, p. 177). Assinale-se ainda *Cassia Quintilla*, mulher de *Lucius Aelius Aelianus* que, com ele e outros elementos desta abastada família, compartilha a grandiosa lápide (*CIL* II 267) que encimava por certo a porta de um mausoléu de atendível imponência próximo de São Miguel de Odrinhas.

Quanto ao *cognomen* etnonímico *Tuscus*, *-a*, cuja maior frequência se verifica no ocidente da *Hispania* (*AALR*, p. 329; Kajanto, 1982, pp. 51 e 188; Untermann, 1965, pp. 179-180, mapa 79), com especial incidência no *Municipium Olisiponense*, terá aqui decerto relação com o influxo precoce de imigrantes provenientes da *Tuscania* (Cardim Ribeiro,

2013, p. 368-370), afigurando-se no entanto, em alguns casos, ter sido adoptado por indígenas (Mantas, 1982, p. 59-60) podendo assim recobrir duas realidades contrastantes. Aliás, haveria todo o interesse em proceder, oportunamente, ao estudo onomástico conjuntural de cada um dos exemplos documentados, procurando distinguir ambas as realidades[1]. O peso que o *cognomen* acabou por ter no *Municipium* é, de qualquer dos modos, inequívoco.

Tomamos assim conhecimento de mais um monumento funerário romano, pertencente a uma tipologia comum em *Olisipo* no primeiro século do período imperial; um novo contributo que consolida o nosso registo epigráfico.

Ricardo Campos

Referências bibliográficas

AALR = Navarro Caballero, M; Ramírez Sádaba, J. L., coord. (2003) – *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.

AE = L'Année Épigraphique. Paris.

CIL II = Hübner, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlim.

Campos, R. (2018) – *Ilurbeda*: a ara do Faião (Sintra, Portugal). *Palaeohispanica*, 18, pp. 25-40.

Cardim Ribeiro, J. (1982-83) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*. *Sintria*, I-II, pp. 151-476.

[1] O mesmo deveria ser feito quanto aos numerosíssimos exemplos do *cognomen Amoena/-us*, cuja larga e inquestionável adopção por parte de indivíduos de génese indígena (sobretudo no feminino), atendendo à homofonia do radical deste antropónimo com os de outros de origem paleohispânica, não impede a existência de diversos casos em que nos encontraremos perante a utilização do *cognomen* latino considerado meramente como tal, sobretudo em territórios mais cedo romanizados e com maior influência itálica (Navarro, 2006, pp. 71-86), entre os quais – precisamente – o do *Municipium Olisiponense*.

Cardim Ribeiro, J. (2013) – Ptolomeu, *Geogr.* II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto P. F., eds. – Vir bonus peritissimus aeque: *Estudos de homenagem a Arnaldo Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, p. 343-379.

Guerra, A. (2003) – Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes. *In* Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A. – *Mundo Antigo, Economia Rural*. Lisboa 2003: Edições Colibri, pp. 123-150.

Guerra, A. (2006) – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 - (2), pp. 271-297.

Guerra, A.; Reis, S.; Teixeira, S. (2015) – O sul da Lusitânia romana: contributo para uma sociologia das religiões. *Studia Historica. Historia Antigua*, 33, pp. 195-222.

Kajanto, I. (1982[2]) – *The Latin Cognomina*. Helsinki: Giorgio Bretschneider Editore.

Navarro, M. (2006) – L'émigration italique dans la Lusitanie côtière: une approche onomastique. In Caballos, A.; Demougin, S., dir. – Migrare. *La formation des élites dans l'Hispanie romaine*. Pessac: Ausonius, pp. 60-100.

Taglietti F. (1994) – Un inedito bollo laterizio ostiense ed il commercio dell'olio betico. *Epigrafia della produzione e della distribuzione. VIIIème rencontre franco-italienne sur l'épigraphie du monde romain, Rome 1992*. Roma: École Française de Rome, pp. 157-193.

Untermann, J. (1965) – *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*. (= *Bibliotheca Præhistorica Hispana*, VII. Madrid: CSIC.

771

772

NUEVA ESTELA DE SALVATIERRA DE SANTIAGO, CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

Enclavada en la comarca de la Sierra de Montánchez, la localidad de Salvatierra de Santiago acumula un nutrido catálogo de inscripciones romanas que no deja de aumentar con la incorporación de nuevos hallazgos, como el que aquí presentamos ahora. En general, toda la vertiente norte de la sierra, donde se encuentran los municipios de Santa Ana, Robledillo de Trujillo, Ruanes, Ibahernando, etc., es igualmente generosa en descubrimientos de este tipo. Esta zona fue un polo de atracción durante los primeros siglos del Imperio para las gentes de *Turgaliun* y *Norba*. La mayor parte de estos territorios formaban parte de la *praefectura Turgaliensis* y en ellos se asentaron algunos de los veteranos e itálicos de Augusto que participaron en los repartos del *ager Emeritensis*.

Recientemente tuvimos ocasión de recorrer los campos de Salvatierra y visitamos la finca conocida como "La Suerte Chica", a 3 km de la localidad por la carretera a Botija. Su propietario[1] nos informó que tenía una piedra con inscripción sirviendo de poyo en el porche de su casa de campo.

[1] Nuestro agradecimiento a Francisco Solís Pérez por su amabilidad al recibirnos en su casa y permitirnos el estudio de la pieza.

La piedra en cuestión corresponde a una estela funeraria elaborada sobre un bloque rectangular de granito claro. Está partida en lateral derecho y se observa una banda muy desgastada en el izquierdo, como si hubiera sido utilizada para afilar herramientas; además presenta numerosas picaduras y ralladuras por toda su superficie. La rotura afecta al texto que ha perdido las letras finales, y la banda desgastada del lado izquierdo ha borrado las iniciales. En general, está muy deteriorada y el texto se lee con dificultad.

Dimensiones: (88) x (34) x 15; letras: 1, 3 y 5: 6; 2 y 4: 8.

[---AN]N(*orum*) · XL[---]
[---]BA[---]
MA? +++[---]
[V]XOR? [---]
5 VS · F(*aciendum*) C(*uravit/uraverunt*)

Las letras, grabadas superficialmente y con *ductus* irregular, son capitales cuadradas con rasgos rústicos y la interpunción en punto. La pieza es obra de un taller local poco especializado y el operario hace un trabajo cuando menos deficiente. No calcula bien los espacios y el texto está distribuido de forma muy desigual por el neto inscrito. El tercio inferior está sin grabar, quizás con el fin de hincar la piedra en la tierra.

Línea 1: contiene la expresión de la edad, que a juzgar por el espacio existente pudiera ser ANN seguido de un numeral incompleto. La + final debe ser L.

Línea 2: en esta segunda línea se aprecian nítidamente las letras BA finales, pero las iniciales están muy borradas y apenas se distinguen unos pocos trazos. Quizás haya que considera aquí el nombre de *Norbanus, -a*, tan habitual en esta zona.

Línea 3: también esta línea está muy borrada y los trazos de letras visibles no permiten asegurar ninguna lectura. No obstante, el renglón se inicia con el asta inclinada de una posible A o M y termina con dos trazos verticales. Debe de corresponder todo ello al *cognomen* del personaje que aparece en la línea anterior.

Línea 4: se ve con nitidez una X seguida de dos letras difíciles de identificar. Pudiera tratarse del numeral incompleto correspondiente a la expresión de la edad de un segundo difunto; o más bien al término *uxor,* que vendría avalado por la posible O de pequeño tamaño que le sigue y el trazo vertical con remate curvo y pata inclinada de una posible R a continuación. En el primero de los casos, al final de esta cuarta línea iría parte del nombre del autor de la dedicatoria en nominativo, ya sea como un nombre propio, ya como un nombre común referido al parentesco con los difuntos, probablemente *filius*, a cuya terminación corresponderían las letras VS con las que comienzan la línea final. En el segundo de los casos, los dedicantes serían la esposa del difunto – quizás *Norbana* – y el hijo del matrimonio, con lo que habría que restituir aquí *filius;* pero tampoco se puede descartar que el autor de la dedicatoria fuera el marido que homenajea a su esposa, *[u]xor[i marit]us*.

Línea 5: como ya se ha indicado, se aprecian los grafos VS seguido de T o, más probablemente, F y un trazo curvo inidentificable, correspondientes estos dos últimos, quizás, a la fórmula final tradicional *f(aciendum) c(uravit/uraverunt)*.

Falta la fórmula funeraria, que bien pudiera ir tras la fórmula final, aunque esta parte de la piedra está muy picada.

La mayor parte de las inscripciones procedentes de este municipio presentan unas características paleográficas muy similares, con escritura descuidada y con una técnica poco depurada; algunas de ellas podrían proceder incluso del mismo taller.

Si nuestra interpretación de la segunda línea como *Norbanus/a* es acertada, estaríamos en presencia de un miembro de la familia más representativa de la zona. Este *nomen gentile* es con mucho el más común en estas tierras que se extienden desde *Norba* hasta *Turgalium* a juzgar por los testimonios epigráficos[2]. Serían los descendientes de aquellos

[2] Sobre el particular véase: Salas Martín (José) y Esteban Ortega (Julio), *Norba Caesarina y la gens romana en Hispania*, Cáceres 1994. Véase también: Iglesias Gil, (José Manuel), «Memoria epigráfica de una gens. Los Norbani en la Lusitania», en J. M. Iglesias y A. Ruiz Gutiérrez (coord.), *Monumenta et*

indígenas que tomaron el nombre del procónsul Cayo Norbano Flaco, fundador de la colonia *Norba Caesarina*. Parece razonable pensar que muchos de estos *Norbani* pudieron hacerse con parcelas de tipo *subcesiva* en los límites de esta colonia colindante con la *praefectura Turgaliensis*[3]. Desde luego, era un gentilicio muy común en la zona de Salvatierra de Santiago, pues, hasta el momento, se conoce una quincena de inscripciones que lo llevan grabado[4].

Por la paleografía y la similitud con otras de la zona, habría que fecharla en el siglo II d. C.

Julio Esteban Ortega
Marcelino Moreno Morales

---

memoria: Estudios de epigrafía romana, Roma 2017, 295-325.

[3] Gómez Santa Cruz (Julio), «Augusta Emerita y el territorio de la Praefectura regionis Turgaliensis en época augustea», *Gerión* 35, 2017, 506.

[4] Esteban Ortega (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres 2007, nº 280, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 294, 295, 306, 307, 315, 320; ídem, «La estela de Q. Norbanus de Salvatierra de Santiago, Cáceres», *Ficheiro Epigráfico* 167, 2018, nº 650.

772

773

ARA ROMANA DO MONTE DA ATOUGUIA, BALEIZÃO, BEJA[1]

(*Conventus Pacensis*)

O monumento foi identificado por uma equipa de arqueólogos da EDIA em prospecção realizada em 2012, encontrando-se à data encostado a uma parede do "Monte" da Atouguia, freguesia de Baleizão, concelho de Beja. A sua descoberta foi comunicada à Tutela, tendo-lhe sido atribuído o SNS 34807 (Portal do Arqueólogo), acompanhado da seguinte descrição: "Elemento em mármore que apresenta grande desgaste, não conservando vestígios de inscrição".

Pelo que nos comunicou o Sr. Bagulho, seu achador, foi recolhido junto a um poço situado a sul do Monte da Atouguia, por volta de 2005, encontrando-se o local, na actualidade, submerso pela água da Barragem do Monte da Atouguia. Neste momento, está à guarda da Junta de Freguesia das Neves, a quem foi entregue pelo achador, por recear o desaparecimento

[1] Agradecemos ao Sr. Fernando Valente a indicação da existência e da localização da peça e o apoio prestado no seu estudo e ao Sr. Bagulho as informações fornecidas. Agradeço a José d'Encarnação as dicas que me deu e ajudaram a melhorar o trabalho apresentado.

da peça num momento pós-venda da propriedade a uma empresa espanhola.

A peça foi concebida em mármore de veios cinzentos (São Brissos/Trigaches). No capitel apresenta um tímpano triangular, que seria ladeado por dois toros (falta um), que enquadravam uma "caixa" que "substitui" o fóculo que habitualmente podemos observar nas aras romanas. Esta caixa encontra-se fragmentada, apresentando conservados 17 cm do seu comprimento (deveria ter 27 cm no total) e 16 cm de largura. Os limites da "caixa" apresentam uma espessura de 2 cm. No seu interior existem duas perfurações com 6 cm de comprimento, 2 de largura e 1 de profundidade. É de 9 cm a altura total do capitel, que está separado do fuste por dois toros.

O monumento, sem qualquer vestígio visível de inscrição, apresenta as seguintes dimensões: 70 x 31 x 23 cm (medidas máximas).

Tratando-se de uma peça encontrada em ambiente rural, poderia ser proveniente de uma *uilla* localizada nas imediações.

Jorge Feio

773